



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CAMPUS IV  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE ANTROPOLOGIA**

**JUVENTUDE E TRADIÇÃO: MEMÓRIAS DO MARACATU RURAL  
PAVÃO DOURADO EM TRACUNHAÉM - PE**

Rio Tinto - PB  
Junho - 2016

NALVA MARIA DOS SANTOS

**JUVENTUDE E TRADIÇÃO: MEMÓRIAS DO MARACATU RURAL PAVÃO  
DOURADO EM TRACUNHAÉM - PE**

Monografia apresentada ao curso de Antropologia da  
Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, em  
cumprimento à exigência para obtenção de grau de  
bacharel em Antropologia.

Orientador (a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Lara Santos de Amorim.

Rio Tinto - PB  
Junho-2016

S237j Santos, Nalva Maria dos.  
*Juventude e tradição: memórias do Maracatu Rural Pavão  
Dourado em Tracunhaém - PE. / Nalva Maria dos Santos. – Rio Tinto:  
[s.n.], 2016.*  
74f. : il.

*Orientador(a): Prof. Dr. Lara Santos de Amorim.  
Monografia (Graduação) – UFPB/CCAÉ.*

*1. Antropologia. 2. Maracatu. 3. Dança. 4. Folclore.*

*UFPB/BS-CCAÉ*

*CDU: 39(043.2)*

Para Deus, para minha mãe Severina, para  
minhas filhas Karyna, Kelly, Kydia, e para meu  
avô Brasil e minha avó Izaura.

NALVA MARIA DOS SANTOS

**Juventude e tradição: memórias do maracatu pavão rural dourado em  
Tracunhaém – PE**

Monografia apresentada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lara Santos de Amorim (Orientadora)

---

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Oswaldo Giovannini Júnior (Examinador)

Rio Tinto – PB  
Junho – 2016

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por existir e me permitir seguir em frente, não desistir dos meus objetivos mesmo com alguns obstáculos.

A minha mãe Severina, pelo incentivo e paciência, principalmente, durante estes cinco anos que estive na universidade, por segurar a barra de ser minha mãe, pois não é tarefa fácil, e pelo amor que me dedicou, sempre. Aos meus queridos avôs e avós maternos, eternas saudades.

As minhas filhas, Karyna, Kelly e Kydia, as quais amo sem limites. Foi por elas que resolvi dar este passo na vida e espero que se orgulhem de mim. Ao meu companheiro, Samuel Barbosa, que me apoiou e esteve ao meu lado nos momentos em que precisei.

Agradeço em especial, as minhas “irmãs” e amigas Walkíria Nascimento e Márcia Lima, que compartilharam comigo os sorrisos e as lágrimas, as confidências e toda a paciência durante esse tempo. Seremos para sempre amigas.

A todos os meus colegas da turma 2010.1 do curso de Antropologia, por todos os dias em que estivemos dentro e fora de sala de aula.

Agradeço à minha orientadora, Lara Amorim, com quem compartilhei minhas dúvidas e anseios e de quem sempre obtive uma orientação segura e objetiva. Agradeço pela paciência que teve comigo, pois sei que não foi fácil a tarefa de me orientar, no entanto, ela cumpriu esta tarefa com muita competência.

A todos os professores do curso de antropologia da UFPB, em especial, Marco Aurélio, Estevão Palitot, Alessa Sousa e Silvana Nascimento. Pessoas pelas quais tenho cumplicidade, respeito, carinho e gratidão e que vou guardar comigo por toda a vida. A eles meu eterno agradecimento. Ao Prof. José Guilherme Cantor Magnani (USP) por ser uma pessoa admirável.

Ao secretário do curso de Antropologia Thiago Aécio por ser sempre prestativo, atencioso e paciente. De modo geral, agradeço a todos os funcionários do Campus IV, Rio Tinto/PB.

Aos meus interlocutores e brincantes do Maracatu Rural Pavão Dourado que se dispuseram a participar desta pesquisa e dividir comigo informações e memórias. Serei sempre grata a todos.

É difícil lembrar de todos aqueles que contribuíram e me incentivaram na elaboração deste trabalho. Assim, deixo meus agradecimentos a todos que me ajudaram direta ou indiretamente ao longo deste percurso.

## RESUMO

Esta monografia tem o objetivo de apresentar o maracatu rural de Baque Solto e sua tradição, transcrevendo as memórias de sete brincantes, demonstrando o quanto as histórias contadas pelos mais velhos podem influenciar os jovens a manter a tradição do maracatu rural. O cenário desta pesquisa é a cidade de Tracunhaém, Zona da Mata Pernambucana. O grupo estudado é o Maracatu Rural Pernambucano Pavão Dourado (baque solto), um grupo tradicional que possui participantes de todas as idades. A pesquisa procura apresentar o maracatu rural e demonstrar que a participação de jovens no maracatu é um dos caminhos para se dar continuidade a esta brincadeira tradicional. Neste sentido, pode-se afirmar que por meio da oralidade e do cultivo da memória, as famílias pesquisadas funcionam como um espelho para que estes jovens valorizem a “brincadeira” tradicional do maracatu. Utiliza-se o método etnográfico e o uso de fotografias como uma importante ferramenta de pesquisa desta manifestação cultural tradicional. No decorrer da pesquisa, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre os conceitos de cultura popular, tradição, oralidade, memória e maracatu rural.

**Palavras-chave:** Maracatu rural, juventude, tradição, memória, oralidade.

## ABSTRACT

This monograph has the objective of present the rural maracatu Baque Solto and its tradition, transcribing the memories of seven players, demonstrating how the stories told by the elders may influence young people to maintain the tradition of rural maracatu. The scenario of this research is the city of Tracunhaém, Pernambuco Mata Zone. The studied group is the Pernambucano Rural Maracatu Pavão Dourado (loose thud), a traditional group that has participants of all ages. The research seeks to present the rural maracatu and demonstrate that the participation of young people in maracatu is one of the ways to give continuity to this traditional game. In this sense, it can best a ted that by means of the orality and memory cultivation, there search families act as a mirror so that these young people value the traditional “game” of Maracatu. It is used the ethnographic method and the use of photographs as an important research tool of this traditional cultural manifestation. In the course of there search, a literature review was was effected in relation the popular concepts of culture, tradition, orality, memory and rural maracatu.

**Keywords:** Rural Maracatu; Youth; Tradition; Memory; Orality.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>1. CONHECENDO O MARACATU RURAL PERNAMBUCANO. ....</b>	<b>11</b>
1.1 AS ORIGENS DO MARACATU RURAL.....	11
1.2 MARACATU DE BAQUE VIRADO E MARACATU DE BAQUE SOLTO: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS. ....	14
1.3 TRACUNHAÉM: A CIDADE DO PAVÃO.....	19
<b>2. MARACATU RURAL PAVÃO DOURADO.....</b>	<b>22</b>
2.1 CONHECENDO O PAVÃO DOURADO. ....	22
2.2 OS PREPARATIVOS PARA COLOCAR O PAVÃO NA RUA.....	25
2.3 OS PERSONAGENS.....	28
2.4 O PAVÃO SAI AS RUAS: UM DIA DE CAMPO. ....	42
2.5 MÚSICA DE MARACATU.....	44
<b>3. TRADIÇÃO E CULTURA POPULAR: MEMÓRIA, ORALIDADE E AS EXPERIÊNCIAS DE BRINCANTES NO PAVÃO DOURADO. ....</b>	<b>48</b>
3.1 OS JOVENS BRINCANTES E A TRANSMISSÃO DA TRADIÇÃO .....	55
3.2 A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA TRANSMISSÃO DA TRADIÇÃO.....	60
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>63</b>
<b>REFERÊNCIAS. ....</b>	<b>64</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>67</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>69</b>

## INTRODUÇÃO

Nasci e morei até os meus 14 anos na cidade de Tracunhaém, município da zona da Mata Norte de Pernambuco, cidade onde se tem registro de sete grupos brincantes do maracatu rural do baque solto. Comecei esta pesquisa entre os dias 09 a 13 de maio de 2013 com o grupo de Maracatu Pavão Dourado em Tracunhaém, reconhecido na região por ser um grupo de maracatu tradicional. Nesta primeira ida a campo, fui catalogar os grupos e definir qual deles poderia me ajudar a tirar minhas dúvidas e iniciar minha pesquisa. Fiz um levantamento dos grupos existentes na cidade e registrei sete grupos ativos. De acordo com os moradores locais, todos os grupos de maracatu da cidade são reconhecidos como tradicionais, alguns até, são mais antigos que o Pavão Dourado.

Alguns fatores foram relevantes para que o Pavão viesse a ser o meu objeto de pesquisa, o primeiro fator foi a aproximação que tive em relação aos integrantes do grupo. Tive conversas informais com alguns moradores no bairro sobre os grupos de maracatu, e nessas conversas muitos comentaram o quanto “o Pavão é bonito”, que “é o maior grupo, mesmo com tão pouco tempo de existência”, “dá gosto de ver, é muito lindo”, assim diziam os moradores do “bairro novo” onde está localizada a sede do Pavão. O segundo fator foi a localização: a sede do Pavão é próxima da casa onde fico alojada, e a rua tem vários brincantes de maracatu, embora nem todos sejam brincantes do Pavão.

Sempre gostei muito de maracatu. Apesar do medo dos “caboclos de lança”, pois quando eu era criança, tinha medo dos “caboclos de lança”, o maracatu pra mim sempre foi muito lindo, encantador, algo que eu não via em outros locais, sempre me remetendo a uma memória do lugar onde nasci.

Ao ingressar no curso de antropologia obtive meios que me proporcionaram começar a olhar aquela festa com uma perspectiva mais criteriosa e plural, percebi que ali existia muitas outras coisas além daquelas que os espectadores comuns (não aspirantes a antropólogos) podiam ver e assistir.

Gostaria de esclarecer alguns pontos que serão apresentados nesta pesquisa: primeiro, que esta pesquisa não é somente um registro da história do Pavão Dourado, mas, busco apresentar esta tradição cultural pernambucana tão particular, para pessoas que ainda a desconhecem; procuro ainda demonstrar a importância da participação de jovens para a

continuação desta brincadeira e por fim, destaco a importância do papel da família para a continuidade desta tradição cultural.

Esta pesquisa pretende saber como se dá a continuidade desta tradição cultural e o que faz estes jovens ainda desejarem brincar o maracatu. Para responder tais questionamentos utilizei o método etnográfico, um estudo e registro descritivos de povos e etnias, suas culturas e características e procurei registrar as memórias relatadas por sete brincantes do maracatu rural. O grupo de maracatu Pavão Dourado será o palco de onde tentarei extrair estes objetivos.

As conversas informais foram fundamentais para complementar as informações das entrevistas, pois nos momentos de descontração as pessoas deixam “escapar” coisas importantíssimas para uma pesquisa.

A oralidade será aqui tão importante quanto a escrita, já que a relação com os brincantes foi caracterizada pelo ato de ouvir. “O trabalho da memória oral é de grande importância para a demarcação das identidades individual, familiar ou do grupo e este se expressa na forma como as pessoas relatam sobre sua vida” (MENEZES, 2005, p. 32).

As histórias que os brincantes foram me relatando são suas memórias, são histórias de como eles começaram na brincadeira, relatos de adultos que um dia foram jovens brincantes e de como é para os jovens fazer parte de um grupo de maracatu nos dias de hoje, em uma sociedade que é tão cheia de apelos midiáticos. Pois atualmente há tanta oferta de divertimentos durante o carnaval pernambucano, o qual se apresenta com características marcantes de um carnaval plural, onde tudo se torna fluido e em minha opinião, esta pluralidade influencia os jovens. Como nós pernambucanos dizemos: “os dias fervem de tanta folia”.

Para Laraia (2008), o importante é que deve existir um mínimo de participação do indivíduo na pauta de conhecimento da cultura, a fim de permitir a sua articulação com os demais membros da sociedade. Com esta ideia o autor poderia explicar porque os jovens brincantes, ao participarem da cultura do maracatu e ao valorizarem o maracatu rural, são capazes de criar e dar sentido ao seu lugar em uma comunidade. Percebe-se neste caso, a relação entre comunidade e tradição.

No primeiro capítulo, *Conhecendo o Maracatu Rural Pernambucano*, apresento o maracatu rural e suas origens, através de uma perspectiva histórica. Trago também as principais características e diferenças entre o Maracatu Rural de Baque Solto, e o Maracatu

Nação de Baque Virado. Apresento também a cidade onde foi realizada a pesquisa e um pouco de sua história.

No segundo capítulo, *Maracatu Rural Pavão Dourado*, será apresentado o objeto de pesquisa, o grupo de maracatu que serviu de base para o estudo de campo, os preparativos para a saída do grupo, os personagens, um dia de campo e a música do maracatu rural.

O terceiro capítulo, *Tradição e Cultura Popular: memórias, oralidade e as experiências de brincantes no Pavão Dourado*, apresentará as relações sociais entre os brincantes de maracatu e seus familiares, as suas memórias através da oralidade e as experiências dos brincantes. Serão abordadas as relações dos jovens brincantes com o grupo de maracatu e a influência da família em relação à participação desses jovens na brincadeira.

No decorrer da pesquisa, usarei algumas categorias nativas para me referir ao maracatu, tais como: brinquedo, manifestação, brincadeira e brincar. Estas categorias referem-se às palavras utilizadas pelos participantes dos grupos de maracatus e pela comunidade para definir a sua relação com o maracatu.

A realização desta pesquisa só foi possível por meio da observação direta das atividades do Pavão Dourado e de entrevistas semiestruturadas realizadas com os brincantes para entender como eles definem a experiência de “brincar o maracatu”. Para registrar as idas a campo utilizei um diário de campo, gravador e máquina fotográfica. Foram entrevistados formalmente cinco brincantes, mais duas entrevistas exploratórias iniciais, somando um total de sete entrevistados. Estas cinco entrevistas formais só vieram a acontecer em minha terceira ida ao campo, na qual finalmente realizei um questionário com 13 perguntas semiestruturadas. Quanto ao referencial teórico utilizado, inicialmente foi necessário definir o conceito de maracatu rural, diferenciando o Maracatu Rural de Baque Solto do Maracatu Nação de Baque Virado. Os conceitos de cultura, oralidade, memória e tradição foram fundamentais para se compreender o maracatu como uma manifestação cultural tradicional, a qual tem como características principais a transmissão oral e o cultivo da memória. Nesse sentido foram utilizados os autores Roberto Benjamin (1977), Medeiros (1998), Guerra-Peixe (1980), Real (1967) e Vicente (2005), Menezes (2001-2003) e Halbwachs (2006).

## 1. CONHECENDO O MARACATU RURAL PERNAMBUCANO

### 1.1 AS ORIGENS DO MARACATU RURAL

A palavra maracatu, como destaca o estudioso Guerra-Peixe (1980), significa a fusão entre a palavra *maracá* (instrumento indígena) e a palavra *catu* (bonito). O maracatu rural é definido como uma manifestação cultural pernambucana, conhecido também como maracatu de Baque Solto. Seus participantes o definem como sendo uma herança tradicional, uma manifestação cultural coletiva, na qual os brincantes são pessoas que ao se fantasiarem e incorporarem seus personagens, assumem uma representação social diferente.

Marcelo MacCord (2001) revela em seu trabalho que o nome maracatu aparece em data bem anterior a 1867. Assim, mostrava o jornal Diário de Pernambuco, de 27 de maio de 1851:

O jornal comunicou que, reunida extraordinariamente aos 28 de abril, a câmara municipal do Recife, entre outros trabalhos, apreciou uma petição a ela enviada. O documento endereçado aos vereadores foi assinado pelo soberano universal da província de Pernambuco, o Rei do Congo D. Antônio de Oliveira Guimarães. No texto, ele queixava-se veementemente de outro negro que sem lhe prestar obediência, tem reunido os de sua nação para folguedos públicos. O soberano pedia providências para impedir tal situação de indisciplina. [...] o pedido foi aceito exigindo que o desembargador providenciasse em sentido de desaparecerem semelhantes reuniões, chamadas de maracatus. No entanto, o pedido era não porque o maracatu causava desordem pública, mas porque quem o estava organizando queria desestabilizar o reinado de D. Antônio. Fica claro que qualquer festejo com reis e rainhas, estandarte e préstito, independente de seu potencial conflitivo e atentório à ordem pública, poderia ser considerado, pelas autoridades constituídas, como maracatu [...] O tratamento dado aos préstitos reais variou de acordo com a conveniência (MACCORD, 2001, p. 207).

Maracatu, termo africano que significa "dança" ou "batuque", é uma dança típica da região nordeste, esse ritmo de dança apresenta fortes características religiosas, composto por uma mistura de elementos indígenas, europeus e afro-brasileiros, sendo incorporado e adaptado pela ação de indivíduos que migraram para cidade, no qual a participação dos imponentes *caboclos de lança*.

Esses maracatus rurais eram compostos em sua maioria por pessoas simples, trabalhadores do campo, mas hoje constata-se que esses trabalhadores ainda fazem parte destes grupos, como também pessoas de varias áreas, regiões e classes sociais diversas. Essas

pessoas não só participam da “brincadeira” como também da confecção das próprias ornamentarias.

O primeiro registro de maracatu rural ocorreu em 1934, feito por Gilberto Freire, em seu *Guia Prático e Sentimental da Cidade do Recife*. A antropóloga Katarina Real aponta que “no início da década de 1930 como sendo efetivamente a época em que vira, pela primeira vez, “os espetaculares „caboclos-de-lança” brincando pelas ruas do Recife”. (REAL, 1967, p. 83-95).

Segundo o pesquisador do tema, Olímpio Bonald, “O maracatu rural, em resumo, seria um produto do sincretismo afro-índio gerado pela criatividade do povo rural canavieiro da Zona da Mata Norte, ao ser incorporado e reciclado no caldeirão cultural do grande Recife” (BONALD apud VICENTE, 2005, p. 31).

Por volta do final do século XIX e início do século XX os trabalhadores canavieiros se reuniam nos períodos de folga para brincar e festejar mais um final de semana, após o árduo trabalho na cana de açúcar. Segundo Katarina Real, aos poucos esses homens foram improvisando ritmos com os instrumentos de trabalho e difundindo elementos dos vários folguedos da região da Zona da Mata Norte de Pernambuco como o Coco, o Cavalo-marinho, Reisado, Folia (ou rancho) de reis, Pastoril, Bumba-meu-boi, Caboclinho, Chegança e etc., incorporando também, toadas dos Maracatus nação e “aruendas”. Também é visto como folguedo ou simples agrupamento afrodescendente voltado para a diversão.

O maracatu rural tem seu contexto de origem nos engenhos e usinas de cana-de-açúcar, onde os brincantes vivem e trabalham no corte da cana. De acordo com Medeiros,

[...] o ambiente era opressor, pois existia um forte coronelismo, autoritarismo, cerceamento da liberdade, violência. A disciplina nos engenhos era medieval, cheia de castigos, punições, privações de divergências políticas e religiosas. A autora ainda relata que o maracatu rural se constituiu como umas das primeiras formas de contestação dos maracatuzeiros, onde eles imprimem sua revolta através das “coreografias, da necessidade de proteção espiritual e porte de armas, a imensa lança, ritmo selvagem, o conteúdo de protesto das loas [...]. (MEDEIROS, 2005, p. 206).

Brandão (2006), em seu livro *Maracatu*, conta a sua versão do surgimento do maracatu no Brasil. Rainhas e reis africanos e seus súditos viviam em harmonia em suas terras, cultuando seus deuses e fazendo suas festas, quando chegam vários homens com armas de fogo em punho e sem explicação acorrentam a todos, eram os europeus. Trazidos por estes europeus ao Brasil para serem vendidos como escravos, muitos foram levados aos lotes para engenhos no Nordeste e ali foram obrigados a trabalhar nas plantações e em todas as outras

atividades que exigisse força e esforço físico, tudo isso sem receber nada pelos serviços, e sem falar nos maus tratos a que foram submetidos, pois estes eram castigados por qualquer motivo que fosse do desagrado dos senhores dos engenhos. Com todas as dificuldades, os grupos de escravos foram se conhecendo e percebendo que escondidos dos seus senhores poderiam cantar e dançar ao som de instrumentos de percussão e cultuar seus deuses e deusas que regiam a natureza. Assim foi surgindo entre eles uma alegria e energia, e com isso a vontade de se revoltar contra um destino tão cruel.

Os senhores de escravos percebendo o que estava para acontecer, não tiveram dúvidas de que precisariam encontrar outra maneira de controlar os grupos de escravos, foi aí que surgiu a ideia de criar uma ordem, uma espécie de hierarquia dentro das senzalas onde escolheram líderes entre os escravos, e esses líderes foram chamados de reis e rainhas, que passariam a tomar conta e cuidar para manter a ordem do grupo. As coroações eram realizadas em grandes festas, para as quais todos os escravos e senhores eram convidados. As festas duravam a noite toda e eram embaladas ao som dos instrumentos de percussão (BRANDÃO, 2006).

Com a evolução das festas, figuras da realeza portuguesa como príncipes e princesas começaram a ser representados por escravos fantasiados. Também foi incluída uma homenagem a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito, santos da Igreja Católica. Demorou, mas a escravidão acabou e os negros africanos foram postos em “liberdade”. Continuaram festejando aquela que já tinha se tornado uma prática tradicional entre eles, o maracatu, a festa de coroação dos reis e rainhas do congo. Com o fim da escravidão, as festas passaram a acontecer não mais nas senzalas, e sim nas ladeiras de paralelepípedos de Olinda, em Pernambuco (BRANDÃO, 2006).

Mário de Andrade (1959) definiu os maracatus como uma dança dramática. A diferença desses para outras danças dos negros estava na coreografia de origem mística, lembrando as coreografias do candomblé baiano descritos por Nina Rodrigues. Para ele, os maracatus pernambucanos representam o que foram os congos e congadas coloniais.

Estes maracatus rurais eram compostos em sua maioria por pessoas simples trabalhadores do campo, mas hoje se pode constatar que estes trabalhadores ainda fazem parte desses grupos, assim como pessoas de áreas, regiões e classes sociais diversas, que não só participam da “brincadeira”, como também da confecção das próprias ornamentarias.

O Maracatu, uma das mais antigas tradições da cultura popular de Pernambuco, tema sua comemoração, oficialmente marcada, no dia 1 de agosto. A data dedicada ao folguedo

homenageia o nascimento do Mestre Luiz de França, do Maracatu Leão Coroado, eleito patrimônio vivo de Pernambuco pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco desde o ano de 2005.

No Estado de Pernambuco, a Lei Estadual n.º 11.506, datada aos 22 dias do mês de dezembro do ano de 1997, institui em Pernambuco o dia 1.º de Agosto como „Dia Estadual do Maracatu“ e revoga todas as disposições em contrário.

No início do século XX, Pereira da Costa, citado por Silva (2004) faz uma primeira descrição detalhada de um desfile de maracatu:

[...] consiste em um cortejo régio, que desfila com toda solenidade inerente à realeza, e revestido, portanto de galas e opulências [...] rompe o préstito um estandarte [...], seguindo-se em alas dois cordões de mulheres lindamente ataviadas [...], figurando no meio desses cordões vários personagens que conduzem os fetiches religiosos [...]. Fechando o préstito o rei e a rainha [...], ostentando as insígnias da realeza, como coroas, cetros e compridos mantos. (PEREIRA DA COSTA *apud* SILVA, 2004, p. 34).

## 1.2 MARACATU DE BAQUE VIRADO E MARACATU DE BAQUE SOLTO: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

O Maracatu de Baque Solto distingue-se do Maracatu Nação ou Maracatu de Baque Virado em organização, personagens e ritmo. O maracatu rural teve sua origem na zona da mata norte de Pernambuco e chega ao Recife na década de 1930 do século XX.

Segundo José Alberto, professor de folclore nordestino e brasileiro do Departamento Artes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), alguns especialistas colocam que o termo “maracatu” foi colocado por alguns policiais para definir a organização dos negros.

Aqui no Brasil, na realidade, ele teve uma força muito grande em Pernambuco, na década de 1960 e 1970. Eu acho que até exagerada. Teve uma preocupação maior especialmente por conta das nações, porque lá se definiu bem maracatu. Em outras regiões passou a ser congadas, reisados, cambindas, que tem todo o registro de uma nação, ou seja, de um ritual de rei e rainha. Fonte: <http://www.clickpb.com.br/cotidiano/maracatu-baque-solto-e-baque-virado-117574.html>. Acesso em: 13 de julho de 2015.

Outras diferenças entre os dois maracatus estão na estética dos personagens e nos instrumentos que dão a marcação do seu ritmo. Enquanto o Maracatu de Baque Virado tem

como figura maior o batuqueiro, e suas alfaias<sup>1</sup> representam a personificação maior do seu ritmo, no Maracatu de Baque Solto a ênfase está no Caboclo de Lança com seus chocalhos (Surrão), a caixa de guerra, o bombinho, o ganzá e a porca (instrumento e som similares ao da cuíca), instrumentos.

A distinção entre os dois tipos de maracatus foi pensada e estabelecida pelo maestro Guerra Peixe. Ele esteve no Recife entre os anos de 1949 e 1952 para estudar os xangôs, maracatus e a cultura popular em geral. Até a publicação de seu livro *Maracatus do Recife* em 1955, ainda não havia consenso entre os estudiosos sobre as diferenças entre essas formas de expressão (GUERRA PEIXE, 1980).

Para Guerra Peixe (1980), os maracatus se distinguem principalmente pelas músicas utilizadas durante as apresentações. Neste sentido, pode se dizer que alguns maracatus-nação têm fortes ligações com as religiões afrodescendentes, principalmente o xangô. Inclusive, houve quem afirmasse que o maracatu seria uma extensão carnavalesca dessa religião. Mas a relação dos maracatus-nação com o sagrado não se resume apenas aos orixás, pois existem grupos em que a umbanda e a jurema (religião espalhada pelo Nordeste de forma isolada ou associada à umbanda) também estão bastante presentes (GUERRA PEIXE, 1980).

O maracatu rural possui várias características que o diferencia do maracatu-nação, dentre elas o batuque ou baque “no qual o número de instrumentos de percussão é reduzido e acrescentaram-se os instrumentos de sopro, o clarinete e o trombone” (ASSIS, 1996, p. 21).

## MARACATU DE BAQUE SOLTO

O maracatu rural é constituído de uma orquestra, denominada “terno”, composta de “poica” (espécie de cuíca), tambor, gonguê de duas campânulas, caixa e instrumentos de sopro, que podem ser o pistom e o trombone de vara.

O Maracatu de Baque Solto, também chamado de Maracatu de Orquestra ou Rural, tem sua origem na segunda metade do século XX e é uma transfiguração dos grupos chamados Cambindas (brincadeira masculina, homens vestidos de mulher). É uma espécie de fusão de elementos dos vários folguedos populares que vêm às ruas das cidades próximas aos engenhos de açúcar durante o carnaval com características e colorido próprio, garantindo sempre a

---

<sup>1</sup>Espécie de tambor que os brincantes utilizam para tocar.

presença nos carnavais do Recife. Algumas dessas cidades são: Goiana, Aliança, Nazaré da Mata, Tracunhaém, Carpina, Palmares, Timbaúba, Vicência, entre outras.

A figura abaixo mostra um pouco do maracatu em um cenário rural, nos engenhos de cana-de-açúcar.



**Figura 1** - Cenário do Maracatu Rural. Fonte: <http://WWW.souagro.com.br>. Ano: 2012.

## MARACATU DE BAQUE VIRADO

O Maracatu de Baque Virado, também conhecido como Maracatu Nação, é acompanhado por uma orquestra percussiva, em que sobressaem as *afayas* e tem sua origem em cortejos de reis africanos. A fotografia abaixo é de um banner que se encontrava no centro de cultura da cidade de Tracunhaém, é uma representação de como seria uma apresentação de Maracatu Nação.



**Figura 2:** Representação de Maracatu de Baque Virado. Foto da pesquisadora. 2015.

De acordo com site da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ (acesso em 15 de novembro de 2015), assim como o samba e o frevo, o Maracatu de Baque Virado também é um ritmo totalmente brasileiro, fruto de uma miscigenação única existente em nosso país onde suas referências religiosas nascem das influências de matrizes africanas e indígenas, ou seja, um ritmo afro-brasileiro. As primeiras notícias da existência dos maracatus-nação se confundem não apenas com as festas de coroação dos Reis de Congo, mas também com toda sorte de batuques e celebrações organizados pelos negros na segunda metade do século XIX. Nessa fase, eram comuns no Recife as reclamações nos periódicos sobre a manifestação, vista pelos segmentos de elite como „antro de vadios e desordeiros“, perturbadora da paz e do sossego público.

O jornal A Província divulgava, em 1877, matéria mostrando a imagem que se tinha do folguedo na cidade:

Maracatu! Não precisa ser descrito; todos nós podemos falar de experiência; O maracatu é uma coisa infame, estúpida e triste! [...] Mas por que consentimos nisso? Pois o povo [...], horda de escravos vadios que faz o maracatu não pode divertir-se pelo carnaval de um modo menos estupidamente infame e triste, e degradante e incômodo? [...] É civilizado um povo que tolera o maracatu? Isto não! [...] Em 1961, o jornalista e folclorista Paulo Vianna, junto com alguns intelectuais e participantes dos maracatus-nação, organizou uma cerimônia que reunia os grupos de maracatus-nação existentes na cidade do Recife, com o objetivo de prestar uma homenagem à memória dos negros que morreram no cativeiro.

Fonte: [http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=774&Itemid=1](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=774&Itemid=1). Acesso em: 12 de Agosto de 2015.

O espetáculo tem se repetido desde então, fazendo parte hoje do calendário carnavalesco do Recife, constituindo-se numa tradição que, tanto instituições públicas que organizam o carnaval quanto grupos de afrodescendentes fazem questão de manter. A cerimônia/homenagem foi chamada de *Noite dos Tambores Silenciosos* e ocorre toda segunda-feira de carnaval no Pátio do Terço, localizado no bairro de São José, espaço central da cidade do Recife.

O evento é um marco de uma longa trajetória na história dos maracatus-nação, tomando-os como símbolos da cultura negra, e marcando também a sua significativa contribuição para a afirmação da identidade cultural do estado de Pernambuco.

Fonte:

[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=774&Itemid=1](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=774&Itemid=1). Acesso em: 12 de Agosto de 2015.

De folgado discriminado e perseguido pela polícia nas duas últimas décadas do século XX, o maracatu é elevado à expressão máxima da cultura local, resumo do sentimento do “ser pernambucano”. Com o passar do tempo, não se encontram mais matérias preconceituosas sobre seus participantes, eles são noticiados como uma forma cultural que fortalece o vigor do ritmo e sua identificação com a cultura do povo do estado. Podemos ver esse tipo de informações no Jornal do Comércio de janeiro de 2007, que mostrou o maracatu como uma manifestação que estava na moda não somente para as classes populares, mas também para as classes médias.

A classe média foi seduzida pelo maracatu. O contagiante som de alfaias, agbês, agogôs, caixa e outros instrumentos de percussão faz parte hoje do cotidiano de gente que, poucas décadas atrás, jamais imaginaria estar tocando nestes grupos. Um giro nos fins de semana pelas ruas do bairro do Recife, na capital pernambucana, ou pelas ladeiras de Olinda, revela o crescente interesse pela tradição africana. A discriminação foi esquecida. E com a proximidade do carnaval, a realidade fica mais evidente. Crianças, adolescentes e adultos pernambucanos ou não, daqui ou de fora do país, anônimos ou famosos. Todos se rendem ao ritmo dos tambores” (Jornal do comércio, 2007).

### 1.3 TRACUNHAÉM: A CIDADE DO PAVÃO

Tracunhaém é uma cidade rural, o nome, de origem indígena tupi-guarani, significa panela de formiga ou formigueiro. Sua fundação data de 30 de novembro de 1892. Localiza-se a uma distância de 48 km da capital Recife. Tem cerca de 13.547 habitantes e sua maior atividade é a agricultura canavieira. Tracunhaém destaca-se no estado de Pernambuco como a cidade turística do artesanato em barro, celeiro de artesãos e artistas que usando seu conhecimento e vocação transformam o barro em excelentes obras de artes, utilitárias, arte figurativa e decorativa do barro, criando santos, anjos, bichos – como o famoso leão com cachos – e figuras humanas, inspirados nas imagens do cotidiano, da cultura popular e, sobretudo, da fé religiosa. Vários de seus artesãos possuem oficinas ou olarias em suas casas para a confecção de suas peças, muitas são exportadas para todo o Brasil e até para outros países.

Assim que se chega à cidade, pode-se ver uma escultura de Santo Antônio, padroeiro da cidade, ainda na entrada há várias esculturas feitas de barro com imagens diversas. São imagens de santos, de mulheres grávidas com vasos na cabeça, carros de boi, homens lavrando a terra com suas enxadas e figuras de animais.

Passear pelas ruas de Tracunhaém é se encantar pelas peças e imagens feitas de barro espalhadas por quase todas as calçadas. Suas praças sempre têm algo para se admirar. Na Praça do Caboclo, localizada no Bairro Novo encontra-se a escultura de barro de um caboclo em tamanho real. Também nas mediações da Praça dos Trabalhadores pode-se encontrar uma escultura feita de barro representando um homem com uma enxada. Todas essas esculturas são feitas para representar e preservar a cultura da cidade.

Ressaltando que a cidade de Tracunhaém é uma referência turística o ano todo, tanto por suas peças de barro, quanto pelo seu carnaval cultural. Segundo Dias (2003), os turistas procuram culturas “autênticas” e desejam interagir com a comunidade e conhecer a realidade do lugar que visitam.

As manifestações culturais “podem ser entendidas como formas de expressão da cultura de um povo, constituindo movimentos de determinada cultura, em época e lugar específicos” (Carvalho, 2007, p.64). As expressões dessa cultura pernambucana são diversas, incluindo músicas, danças, festas, rituais, etc.

Durante os dias de carnaval, a cidade de Tracunhaém é ornamentada com figuras de caboclos em seus postes de iluminação. Um palco é montado no centro da cidade para receber

diversas manifestações culturais, como os maracatus rurais e os caboclinhos e blocos escolares, tanto da própria cidade como de outras dos arredores. Blocos carnavalescos como o “Boi da Mãe”, o Urso, as Virgens, entre outros, arrastam multidões pelas ruas da cidade, tanto durante o dia, quanto durante a noite. Durante o dia, por conta do calor intenso, um carro pipa acompanha os blocos de rua molhando as pessoas.

Na quarta-feira de cinzas, ainda tem o Bacalhau na Vara, bloco carnavalesco de rua bem popular entre os foliões que querem esticar um pouco mais o carnaval. A cidade é bem movimentada durante os dias de carnaval.

A fotografia abaixo mostra o Bairro Novo, bairro da cidade de Tracunhaém, cenário desta pesquisa.



**Figura 3:** Vista do bairro novo na cidade de Tracunhaém-PE. Foto da pesquisadora. 2015.

A cidade de Tracunhaém está localizada a sete quilômetros da cidade de Nazaré da Mata-PE, cidade que é considerada a terra do maracatu rural, e onde se tem o registro de 30 grupos de maracatus rurais.

Em Tracunhaém os grupos de maracatus rurais são sete: Águia Formosa, Estrela, Leão Formoso, Leão Misterioso, Leão de Ouro, Pavão Dourado e Pavão Misterioso.

De acordo com levantamento feito com a colaboração de brincantes e não brincantes, as seguintes cidades apresentam uma forte expressão da manutenção da cultura do maracatu: Nazaré da Mata (terra do maracatu) apresenta dezenove grupos; Carpina tem sete grupos;

Aliança possui três grupos; Araçoiaba oito grupos; Lagoa de Itaenga seis grupos; Buenos Aires três grupos; Chã de Alegria tem quatro grupos; Condado, dois grupos; Glória de Goitá, quatro grupos; Goiana, dois grupos; Olinda possui três grupos; Vitória de Santo Antão, quatro grupos, Paudalho, seis grupos; Recife tem dois grupos e Canaã, Feira Nova, Ferreiros, Itambé, Lagoa do Carro, Itaquitinga, Feira Nova, São Lourenço, Upatininga e Vicência, todas, tem um grupo cada uma.

O Maracatu Rural mais antigo é o Cambinda Brasileiro, fundado em 1918 na cidade de Nazaré da Mata, em Pernambuco, sua sede se localiza no mesmo lugar até os dias de hoje. São nessas regiões canavieiras que os cortadores de cana trocam as enxadas, as roupas de trabalho e os chapéus de palha do dia a dia pelas fantasias coloridas dos caboclos ([www.prefeituramazaredamata.com.br/](http://www.prefeituramazaredamata.com.br/). Acesso em 10 de setembro de 2015).

## 2 MARACATU RURAL PAVÃO DOURADO

### 2.1 CONHECENDO O PAVÃO DOURADO

O Pavão Dourado é formado por 178 brincantes distribuídos da seguinte maneira: um rei, uma rainha, oitenta e cinco caboclos, sessenta baianas, uma dama do paço, uma burrinha, uma catirina, um mateu, dois porta-bandeiras, dois meninos da lanterna/lamparino, quatro areiamás, um guarda-chuva, dois bandeiristas, um porta-pavão, dois mestres e quinze diretores. A figura abaixo mostra a sede do pavão onde são guardados todos os materiais para a confecção das fantasias e onde estas também são produzidas. Nesse mesmo local se concentram os brincantes quando se preparam para saírem para suas apresentações, sendo também o local onde se guarda os prêmios e troféus do grupo.



**Figura 4** - Sede do Pavão que fica ao lado da casa do maracatuzeiro. Foto da pesquisadora. 2015.

A figura abaixo mostra os membros da diretoria do Pavão. Eles cuidam da organização antes e durante a apresentação do maracatu, dando apoio para que tudo aconteça em harmonia.



**Figura 5** - Diretoria do Maracatu. Foto da pesquisadora. 2015

O grupo de maracatu rural Pavão Dourado é considerado por seus brincantes e moradores da cidade como um grupo tradicional. O Pavão Dourado foi criado em 1998, pelo desde então presidente o senhor Juraciel Candido de Lima, conhecido por Nem do Pavão, 54 anos. Ele era brincante de outro grupo (grupo o qual ele não me revelou o nome) e por estar insatisfeito, resolveu criar um grupo que ele mesmo pudesse administrar. Assim surgiu o Pavão Dourado.

Em meu primeiro contato com o Pavão Dourado, a intenção era chegar até o “dono da brincadeira”<sup>2</sup>. Até cheguei perto, mas quando fui à sede pela primeira vez, fui informada que o seu Nem estava em outro local, mostraram-me um local bem próximo à sede. Fui até o local que me informaram, perguntei quem era o senhor Nem e ele se apresentou. Falei o motivo da minha procura por ele. Seu Nem me falou que no momento estava ocupado, mas que iria mandar alguém me receber e me dar todas as informações que eu quisesse saber.

Pois bem, no mesmo local em que estávamos se encontrava o Bruno, rapaz que ele incumbiu de me acompanhar. Fomos até a sede que estava fechada e que ele abriu, para me

---

<sup>2</sup>O dono da brincadeira é como se referem ao fundador e a quem toma conta do brinquedo, do grupo.

mostrar o espaço. Bruno foi um dos meus primeiros contatos no campo, falarei dele mais adiante.

Nas minhas idas seguintes a campo, sempre encontrava o seu Nem. Demorei a conseguir alguma conversa, pois ele estava sempre ocupado ou não se encontrava no local. Então, finalmente em 2015, na minha última ida a campo, tive o privilégio de conversar com seu Nem, que me concedeu uma entrevista. Confesso que fiquei bastante nervosa e emocionada, mesmo me sentindo confiante para realizar a entrevista.

Chegando a sede do Pavão no dia 16 de março de 2016, por volta das 09h00min da manhã, encontro o senhor Nem em frente à sede. Eu o cumprimentei com um bom dia e ele me respondeu da mesma forma. Perguntei se estava lembrado de mim e ele me deu uma resposta positiva. Perguntei se ele poderia me ceder alguns minutos de sua atenção, e então vestindo a camisa, ele me convidou para entrar em um terraço que antecede a entrada da sede. Sentamos em volta de uma mesa e ele falou: “pode ficar a vontade”. Perguntei: “O senhor se importa se eu gravar a nossa conversa? Ele respondeu: “não, pode gravar”. Falei que iria ser rápida e que não iria tomar muito o tempo dele. Perguntei qual a função dele no brinquedo.

Seu Nem não teve acesso a uma educação formal, mas sabe tudo sobre maracatu. Ele falou que morava longe da escola e que quando voltava da aula, chegava muito cansado e dormia sobre o caderno. Brincante de maracatu desde os vinte anos de idade, começou como bandeirista<sup>3</sup>, depois tornou-se caboclo de lança. Ele afirmou que no começo não tinha muito gosto pela brincadeira, mas que resolveu brincar, assim mesmo. Desde sua primeira participação já se passaram trinta e quatro anos de brincadeira, só no Pavão são dezessete anos, como administrador geral. “Eu administro ele por completo, tem os diretores que sempre vem a mim, mas quando saio de caboclo, e eles vêm com algum problema, aí eu digo que estou brincando e que eles que se resolvam”, afirma o brincante. Seu Nem do Pavão é um homem de grande relevância para a cultura do maracatu e de sua cidade.

Na figura abaixo podemos observar a bandeira/estandarte do Maracatu Pavão Dourado em 2014, na qual está estampada seu nome, o de sua cidade e o ano de fundação.

---

<sup>3</sup> Bandeirista é o brincante que segura à bandeira, o estandarte do grupo.



**Figura 6** - Bandeira do Maracatu Pavão Dourado em 2014. Foto da pesquisadora. 2014.

O estandarte não é o mesmo todos os anos. Durante os três anos que estive em pesquisa, o estandarte estava sempre com cores e bordados diferentes, mas sempre bordado com a figura de um pavão ao centro.

## 2.2 OS PREPARATIVOS PARA COLOCAR O PAVÃO NA RUA

Os trabalhos para a apresentação do ano seguinte começam logo no final do carnaval, é tudo muito rápido. Ao final da apresentação, o presidente junto com a diretoria e os brincantes precisam fazer as avaliações dos custos do desfile que acabou de acontecer, avaliar os danos das fantasias e ver o que precisa ser feito para o próximo carnaval, começa tudo novamente. Consertar, refazer, e preparar o orçamento para o próximo carnaval.

As figuras 7 e 8 mostram um pouco do trabalho de confecção e reparo das fantasias sendo realizados na sede do Pavão. De acordo com meus interlocutores todas as pessoas que fazem estes trabalhos são familiares da administração, brincantes ou voluntários que gostam de ver o Pavão cada vez mais bonito.



**Figuras 7 e 8** - Confeção e ajustes das fantasias na sede. Foto da pesquisadora. 2014.

Os preparativos para os dias de carnaval são uma correria, instala-se uma ansiedade no ar, tanto para quem vai participar do cortejo quanto para quem vai assistir à apresentação.

Durante três anos consecutivos (2013, 2014, 2015) fui assistir aos desfiles do Pavão Dourado durante o carnaval. A intenção era interagir com os brincantes e moradores da cidade para coletar informações sobre o Maracatu. No entanto, percebi que durante esses dias de carnaval, quando os brincantes estão com suas atenções voltadas exclusivamente para a manifestação, não consegui conversar com ninguém, pois a euforia é muito intensa entre os brincantes.

Havia muita correria, um vai e vem intenso, tanto entre os brincantes, quanto entre os expectadores, e isso não me permitia estabelecer uma conversa com aquelas pessoas que estavam tão ocupadas com a preparação da apresentação. Durante os dias de carnaval aproveitei para fazer os registros fotográficos dos brincantes fantasiados e prontos para se apresentarem. Contudo, em outros dias, com mais tranquilidade, consegui estabelecer contato com alguns membros do Pavão Dourado. A partir daí pude obter muitas informações sobre meu campo. Além dos contatos com os brincantes, tive a oportunidade de participar de suas conversas, frequentar a sede do grupo e observar a preparação para os festejos carnavalescos.

Quanto aos gastos com o brinquedo, Seu Nem afirmou: “gasto muito”. Nesse momento seu Nem sorriu de maneira irônica e continuou: “se for somar, dá muita coisa, só de carro e de

agrados de mestre e de alguma baiana, dá uns 28.000 mil conto, fora material e sapatos”.

As figuras 9 e 10 mostram a Rua Cristovão de Holanda, onde se localiza a sede do Pavão. Do lado esquerdo está vazia e do lado direito, a rua se prepara para iniciar a brincadeira.



**Figuras 9 e 10** - Rua onde se concentra a saída do Pavão. Foto da pesquisadora. 2015.

Quando se fala sobre maracatu, afirma-se que a apresentação dos personagens se dá da seguinte forma: “pelas ladeiras seguia o cortejo de homens e mulheres fantasiados como reis, rainhas, príncipes, damas, dançarinas baianas, índios e outras figuras da corte europeia e da cultura brasileira” (BRANDÃO, 2006, p. 10-11).

O desfile acontece sob a orientação do apito ou movimento da bengala do Mestre, que orienta a movimentação de todo o maracatu. Existem regras, colocações/marcações na apresentação do maracatu rural, que a primeira vista parece uma desordem aos olhos dos espectadores, no entanto, existe entre todos os caboclos um mestre dos caboclos que é o puxador, tal “desordem” /confusão é percebida durante sua apresentação quando os caboclos de lança seguem nas laterais das ruas em rápidas voltas em torno do cortejo que está no centro, estas voltas são evoluções em que os caboclos fazem muito barulho com os chocalhos e levantam as guidas (lanças) para o alto. Cobertos pelo colorido da cabeleira, fazendo movimentos anti-horários, os caboclos nunca entram no meio do cortejo, eles se

posicionam sempre ao lado, formando um círculo. Eles também protegem as baianas, a calunga e a corte real. De fato, é um cortejo ao estilo real, por isso a comparação com a realeza européia, com rei, rainha e vassalos que seguem pelo meio da rua. À frente ficam as baianas que lembram as influências africanas seguidas dos caboclos de pena “Arreiamás” e os demais personagens. De modo geral, percebi a partir do trabalho de campo, que o Maracatu Pavão Dourado sai pelas ruas da cidade de Tracunhaém-PE mostrando suas fantasias coloridas, seus batuques, seu encanto, tudo o que faz o Pavão Dourado ser tão mágico e belo.

### 2.3 OS PERSONAGENS

Os personagens expostos neste capítulo serão apresentados em fotografias como elemento de exposição para que suas características sejam mais bem percebidas. Segundo Godolphim:

A fotografia como um elemento do discurso antropológico: como parte integrante de um “texto” que o antropólogo constrói ao propor uma interpretação da situação social estudada. O texto, tradicionalmente escrito, pode também ser apresentado de forma imagética, como um filme ou uma exposição fotográfica (GODOLPHIM, 1995, p.168).

O Maracatu Pavão Dourado é composto por vários personagens, brincantes que ilustram e compõem suas apresentações.

E a cada função vive a vida de seu personagem, naquela circunstância e momentos dados. E o faz bem, porque o brincante só faz o que sabe fazer, o que é dele, o que ele sabe fazer melhor que ninguém, ou seja, ser ele mesmo, um pedaço de seu ser, uma dimensão particular de seu ser, que permanece mais ou menos oculta em seu cotidiano (TEIXEIRA, 2004, p.85).

Existem três personagens pitorescas e coloridas que iniciam a brincadeira antes do cortejo nas ruas: o Mateus, a Catirina e a Burra. Esses primeiros personagens vão abrindo espaço, afastando as pessoas do meio da rua para o cortejo passar, em seguida, à frente do cortejo, a bandeira ou estandarte segue apresentando o grupo e os demais personagens, como o vassalo ou menino do guarda-chuva, os lamparinos/lampiões que iluminam o caminho. O Porta-Pavão, a Dama-do-Paço conduz a boneca de pano e o Baianal, isto é o cordão de baianas. No entanto, o personagem que parece chamar mais a atenção das pessoas que assistem a apresentação de maracatu é o Caboclo de Lança, que se destaca por seu

colorido e sua performance de vai e vem, dando voltas ao redor dos outros personagens, protegendo todo o cortejo. Embora o caboclo de lança chame bastante atenção e esteja em maior número na brincadeira, todos os personagens tem sua posição dentro da brincadeira. Cada um deles é performático e desempenham um papel no brinquedo no momento em que a brincadeira sai às ruas. Eles têm o seu modo de se comportar para que a brincadeira aconteça.

Segundo Silva (1996), o conceito de performatividade “desloca a ênfase na identidade como descrição, como aquilo que é... para a ideia de tornar-se, para uma concepção da identidade como movimento e transformação” (SILVA, 1996, p. 92).

No momento em que os personagens estão ali realizando cada qual o seu papel, é que se consegue ver a brincadeira por inteiro. Um único personagem não faz sentido se comparado com quando todos estão reunidos naquele momento tão esperado.

A dimensão imaterial da cultura é inapreensível, a não ser na fugacidade de seu acontecimento. Para a teoria da performance, a ideia de autenticidade está fincada no aqui e agora de cada performance realizada, em condições sociais, econômicas e históricas concretas, conforme a intencionalidade de cada realização. Neste sentido, pode-se afirmar a que o que é autêntico, desde esse ponto de vista, é aquilo que é real e que se concretiza e materializa num dado momento (TEIXEIRA & VIANNA, 2010, p.47).

## O MATEU

O Mateu é uma caricatura de um caboclo com lança, chapéu, chocalhos, mas é tudo em versão menor, é uma fantasia sem luxo. Este faz sua apresentação no começo da brincadeira, imitando os movimentos do caboclo. Fazendo tudo com humor, se joga no chão e levanta as pernas, sendo um personagem bem divertido, pois essa é a sua função dele, divertir a audiência.



**Figura 11** - O Mateu em dia de apresentação. Foto da pesquisadora. 2014.

## CATIRINA

O personagem da Catirina é um homem vestido com roupas femininas, é uma fantasia característica de mulher grávida, bem exótica. Sua pele é pintada com carvão para que a pele fique preta, principalmente o rosto. Nos seus braços carrega uma boneca e um “gererer”, uma espécie de arupema<sup>4</sup> feita de cipó ou cordão que serve para pescar. Esse personagem tem a função de divertir os espectadores e de forma jocosa pede dinheiro ao público.

---

<sup>4</sup> Espécie de peneira feita com palha ou linha.



**Figura 12** - A Catirina em dia de apresentação. Foto da pesquisadora. 2014.

## A BURRA

A Burra é um personagem bastante peculiar na brincadeira, um homem com uma fantasia de burra, um boneco na garupa e um chicote na mão. A burra chicoteia o chão bem próximo às pessoas, abrindo o caminho, limpando a rua, assustando as pessoas com o barulho do chicote ao tocar o chão para que o maracatu possa passar.



**Figura 13** - A burra e a rainha se olhando (pai e filha). Foto da pesquisadora. 2014.

Durante a pesquisa foi possível identificar algumas relações de parentesco entre os brincantes. A pessoa que representa a personagem da rainha é filha do senhor que traz o personagem da Burra, que por sua vez é tio do rapaz que encarna o personagem do Rei.

#### O BANDEIRISTA OU PORTA BANDEIRA

O bandeirista ou porta-bandeira é o personagem que segura a bandeira. No Pavão são dois que se revezam. A figura abaixo mostra o bandeirista de peruca, com uma faixa amarrada na cabeça para segurar a peruca, luvas pretas, casaco vermelho, calças que combinam com o casaco, camiseta, meias grandes e sapatos brancos. Ele também traz uma espécie de suporte transpassado ao corpo que serve para apoiar a bandeira.



**Figura 14** - O porta-bandeira em um momento de descanso. Foto da pesquisadora. 2015.

## PORTA PAVÃO

O Porta-Pavão veste um casaco vermelho e uma peruca branca, é o brincante que carrega durante toda a brincadeira uma escultura de madeira em forma de um pavão em tamanho natural e com penas de um pavão de verdade, representando o nome da brincadeira: Pavão Dourado.



**Figura 15** - O Porta-Pavão com o pavão nas alturas. Foto da pesquisadora. 2015.

## LAMPARINOS

Os Lamparinos vestem casacos, calças, chapéu verde com detalhes em branco e amarelo, meias e sapatos brancos. São os personagens que vêm logo atrás do Porta-bandeira e iluminam o caminho para o brinquedo. Embora essas lamparinas não sejam acesas, elas servem como demonstração.



**Figura 16** - Dois Lamparinos lado a lado. Foto da pesquisadora. 2014.

Como podemos observar nas figuras acima, os Lamparinos são encarnados por dois jovens brincantes. A presença dos jovens brincantes é de grande relevância para a continuidade da brincadeira. Uma manifestação cultural tradicional como o maracatu somente poderá continuar sendo realizada, se esta for transmitida para as novas gerações.

## O VASSALO

O vassalo ou menino da sombrinha aparece vestindo uma calça de cor roxa, uma camisa na cor branca, um casaco colorido, uma bota branca e um chapéu de palha enfeitado. Nas mãos segura uma grande sombrinha que fica girando sob da cabeça do rei e da rainha.



**Figura 17** - O Vassalo ou menino da sombrinha. Foto da pesquisadora. 2014.

#### O REI E A RAINHA



**Figura 18** - Rainha e Rei do pavão em dia de apresentação. Foto da pesquisadora. 2014

Segundo Assis (1996), o maracatu rural não possuía a corte, o acréscimo desta no folguedo foi uma pressão da Federação Carnavalesca de Pernambuco. A corte é composta pelo rei, a rainha e o porta-estandarte.

A figura acima é um exemplo da influência das relações de parentesco e da família no maracatu rural, pois a rainha e o rei são primos.

### A DAMA DO PAÇO

A Dama do Paço ou Dama da Boneca é o personagem responsável pelos cuidados com a Calunga (boneca de pano) e só apenas essa dama tem acesso à boneca durante os períodos de apresentação. Ela é encarregada de desfilar e apresentar a boneca que concentra o poder espiritual do grupo. “A dama da boneca tem a responsabilidade de trazer consigo a proteção do maracatu rural” (MELO *apud* NASCIMENTO, 2005, p. 96). Ela impede as malquerenças e maus olhos.



**Figura 19** - A Dama do Paço se apresentando em frente à sede. Foto da pesquisadora. 2014

Embora na fotografia acima a Dama do Paço apareça sozinha, durante toda apresentação ela está presente no cordão das baianas.

## AS BAIANAS

No ano de 2015 foram 60 baianas que participaram do desfile, mas esse número costuma variar de ano para ano. Reúne personagens de várias idades, com fantasias bem características das baianas de uma escola de samba. Usam vestidos longos com cores fortes e uma armação de arame por baixo das saias. Alguns vestidos são bordados, o que torna a fantasia mais pesada. Chapéus também coloridos adornam as cabeças. Algumas usam colares e maquiagem.



**Figura 20** - Baianal ou cordões de baianas. Foto da pesquisadora. 2015

## O CABOCLO DE LANÇA

O Caboclo de Lança, personagem presente em maior número no Maracatu Rural de Baque Solto (no Pavão são oitenta e cinco, ao todo), tem seu rosto pintado por urucum ou mesmo batom vermelho, carrega um lenço estampado na cabeça cobrindo a testa por baixo do chapéu, camisa e calça de tecido de chita, meias e sapatos padronizados para todos os caboclos. É um personagem exótico, cheio de cores, magia e beleza que se destaca pela enorme cabeleira feita de papel celofane de cores variadas que cobre o chapéu de palha, chega quase a cobrir os olhos e desce caindo pelos ombros, criando vários movimentos.



**Figura 21-** Caboclo de Lança posando para a foto. Foto da pesquisadora. 2015.

A gola é feita em tecido de veludo e ricamente bordada com desenhos diversos, cada caboclo borda o desenho que quiser com lantejoulas reluzentes de muitas cores. Esse ornamento cobre quase todo seu corpo, ele vai até o joelho do brincante.

Nas costas, carrega o “surrão”, que é uma estrutura de madeira, a qual também chama de “maquinada”, coberta de lã. No final desta estrutura são colocados os chocalhos, de quatro a cinco, no caso dos adultos. Essa estrutura vai mudar de tamanho e peso conforme a idade do brincante. Os chocalhos nas costas ficam na altura das nádegas e ao

andar reproduzem um som único e característico do caboclo, que com qualquer movimento o tempo todo se reproduz: TENGO, TENGO, TENGO.

Nas mãos, uma lança ou guiada de aproximadamente dois metros, feita em madeira com uma ponta fina, toda enfeitada com inúmeras fitas coloridas, é utilizada para realizar movimentos, onde ele joga para cima e segura na outra ponta, esta mais grossa. O caboclo tem a habilidade de movimentá-la como se tivesse empunhando uma arma. Porta óculos escuros e na boca, traz um cravo branco. Toda ornamentação/fantasia de um caboclo adulto pesa entre 25 a 30 quilos. Ao final do carnaval é comum os brincantes estarem com os ombros e as costas marcadas e feridas devido o peso da fantasia.



**Figura 22** - Vestimenta de um caboclo por baixo da fantasia. Foto da pesquisadora. 2015.

Na figura acima notamos uma criança brincante, que está vestindo roupas que um caboclo de lança veste por baixo da gola colorida. A ceroula, que é composta por calça de chitão com elástico nas pernas e com franjas que ficam em cima da ceroula; meias compridas presas na perna com um elástico; camisa de mangas compridas de cores vivas e lenço colorido amarrado na cabeça.

Na rua os caboclos ficam se movimentando de um lado para o outro formando uma espécie de círculo, em um constante vaie vem ao redor do cortejo. Como a verificar se todos estão protegidos e em seus devidos lugares. É uma espécie de ritual, como se fosse inibir/impedir uma possível reação de um possível inimigo.

Assis (1996) descreve muito bem a fantasia usada pelo Caboclo de Lança e afirma que para cobrir o surrão usa-se:

Uma grande gola, que vai até a altura dos joelhos, tecida em veludo e bordada com lantejoulas coloridas, formando os mais variados desenhos; na cabeça usam um chapéu revestido por uma grande quantidade de papéis multicoloridos cortados em tirinhas, dando a ideia de uma enorme cabeleira. [...] usam sapato tênis, meias de jogador até os joelhos e calças curtas coloridas sobrepondo-se às meias. Camisas de mangas compridas também coloridas completam a indumentária. Pintam seus rostos com tinta vermelha ou laranja e usam uma lança de madeira pontiaguda recoberta com inúmeras fitas coloridas, chamada guiada. Estão sempre de óculos escuros e os mestres dos caboclos usam um cravo branco na boca, que segundo eles serve para “fechar o corpo”, não deixando que nenhum mal os ameace (ASSIS, 1996, p. 25-26).

## O ARREIAMÁ

O Arreiamá é um caboclo, também chamado de Tuxau ou Caboclo de Pena. É um personagem do Maracatu que possui simbolismo indígena que protege sua tribo, pois “arreia” todo mal, traz consigo arco e flecha e simula uma batalha indígena. Este personagem não carrega uma lança e sim um machado, na cabeça um grande cocar de penas em sua maioria penas de pavão.

Os Caboclos de Pena, também chamados Arreiamá, que segundo Assis (1996) quer dizer o “que tira o mal”, usam um chapéu com penas de pavão assemelhando-se a uma coroa. Usam uma mini gola ou “camisa bordada, calça na altura dos joelhos, e, na cintura, fitas e penas de pássaros. Trazem consigo arco e flecha enfeitados de fitas e também é comum usarem óculos escuros” (NASCIMENTO, 2005, p. 96).



**Figura 23** - Arreiamá se apresentando na rua. Foto da pesquisadora. 2014.

#### 2.4 O PAVÃO SAI ÀS RUAS: UM DIA DE CAMPO

O dia de campo que vou narrar se passou no dia 2 de março de 2014, especificamente, em um dia de carnaval. Nesse dia o grupo de maracatu rural Pavão Dourado se apresentou pela primeira vez na comunidade no ano citado.

A saída do Pavão é algo muito esperado por todos brincantes e pelos moradores da cidade, principalmente pelos moradores da rua Cristovão de Holanda, onde se localiza a sede do Pavão.

Por volta das 12h:30mim saí da casa de parentes onde fico hospedada quando vou a campo, em direção à rua. A casa fica localizada a 15mim da sede do Pavão. Ao chegar à sede, observei toda a movimentação dos que ali estavam, eram semblantes tensos e ao mesmo tempo felizes. Os brincantes estavam fazendo os últimos ajustes para a brincadeira, ajeitando uma fantasia, cuidando para que todos os brincantes estejam lá na hora certa. Nesse dia de pesquisa não consegui falar com os brincantes, pois era um dia de muita tensão, todos estavam se preparando para a apresentação. Voltei a andar pela rua até o início, onde

encontrei um vendedor de licor de jenipapo, cachaça, tira-gosto e caldinho de camarão. Fiquei por ali muito ansiosa e me sentei perto do vendedor. Troquei algumas palavras com ele e em meio a conversa ele me perguntou se eu era de fora da cidade, falei que sim, mas que já havia morado na cidade. O vendedor continua a conversa me perguntando sobre os meus parentes e diz conhecer meu avô. Contou-me sobre o que estava vendendo e pediu que eu provasse o licor. Agradeço, mas recuso a oferta.

Aos poucos, já próximo das 13h:30mim começam a chegar alguns brincantes que vêm de todas as partes da cidade e vão se aproximando da sede. Já pelas 14h:00mim a rua tem bastante gente entre brincantes e espectadores. Bem em frente à sede, no meio da rua, são instalados os instrumentos que vão fazer o som do maracatu, o terno que fica na frente dos instrumentos, o mestre Zé Joaquim e o contramestre Maxixe.

A uma distância de mais ou menos cem metros da sede tem uma esquina que dá pra outra rua, é nesta esquina que se concentra a maior parte dos brincantes, pois é a partir deste local que eles vão ao encontro do mestre quando este os apresenta. O mestre vai chamando os brincantes pelo nome ou pela fantasia que estiver usando, cantando algo relacionado ao brincante, seja um aniversariante, ou um brincante mais antigo, um filho de um caboclo, uma baiana em especial, o mais jovem, o mais velho ou um brincante convidado. Assim, todos os outros personagens da brincadeira são apresentados em forma de verso pelos mestres. Apresentam-se os Caboclos, os Arreiamá, o grupo das baianas. O rei e a rainha são um espetáculo a parte, tudo muito lindo e colorido, enchendo os olhos dos que ali estão.

A esta altura das horas o sol já está tão quente que chega a arder na minha pele, mas isso não faz com que os espectadores se preocupem, pois a brincadeira já esta quase toda apresentada. À medida que os mestres vão apresentando os brincantes esses voltam para a esquina que já falei e lá ficam até a próxima ordem.

Rua cheia, lá vem a Catirina fazendo graça com os que ali estão, e o Mateu a imitar um caboclo. A Burrinha com seu chicote a estalar no chão para que as pessoas se assustem e saiam do meio da rua para que a brincadeira possa passar. Todos estes brincantes vão até a frente da sede, sendo chamados pelo mestre e retornam até a esquina mencionada anteriormente.

Os espectadores continuam a prestigiar, e eu a me maravilhar e fotografar tudo, surgem os comentários: “este ano o Pavão está mais bonito que o ano passado”. “Cada ano ele se supera”. “Olha a roupa da rainha! Que coisa mais linda! Neste calor e um peso só”. “olha lá aquele caboco pequenininho que coisa mais fofa”. “Nem é “retado” mesmo, consegue a cada

ano colocar na rua um brinquedo melhor”. Escuto estas expressões ali quieta no meu canto, quase invisível, pois, poucos sabem que estou ali como pesquisadora e não como mera espectadora.

Anoto tudo o que vejo e o que escuto em um bloquinho pequeno. Não é uma tarefa fácil, pois a vontade de não perder nada que esta se passando ao meu redor é maior que a de anotar e de fotografar, já que estava observando pessoas se movimentando.

Então lá vem o Pavão já todo agrupado com todos os brincantes em suas posições, as pessoas ficam eufóricas, muita gritaria, muito barulho dos chocalhos dos caboclos, dos fogos de artifícios e o som do terno, e as corres se misturam na frente de meus olhos.

O brinquedo faz sua apresentação aonde o cortejo (baianas, rei e rainha, bandeiristas, vassalo, dama do paço, menino da sombrinha, porta pavão, arreimás) vai andando e brincando no centro. Os caboclos vão girando em círculo em volta do cortejo, mas sempre com passos à frente, e assim o brinquedo vai andando e o povo acompanhando. O Pavão sobe a rua até o começo, onde descrevi meu encontro com o vendedor de licor, lá no início da rua já estão parados os transportes (ônibus) que vão levar o brinquedo para se apresentar em outros locais, seja na mesma cidade ou em outras, ou nos engenhos de cana na casa de alguém.

## 2.5. MÚSICA DE MARACATU

No maracatu rural a parte musical conta com um conjunto de metais (clarinete, saxofone, trombone, corneta ou pistom), além da percussão formada normalmente por tarol ou caixa, surdo, ganzá, chocalhos, porca/cuíca, zabumba e gonguê. O ritmo é mais acelerado em relação a outros grupos de maracatu, como o maracatu nação, por exemplo.

Na figura abaixo podemos perceber o Mestre Zé Joaquim à esquerda e o contra mestre Maxixe à direita, e logo atrás os músicos com tarou e cuíca e os outros instrumentos que formam o terno de maracatu rural.



**Figura 24** - O terno e os mestres em frente à sede. Foto da pesquisadora. 2015.

No maracatu rural algumas características são diferentes do maracatu nação, dentre as quais está o batuque ou baque “no qual o número de instrumentos de percussão é reduzido e acrescentaram-se os instrumentos de sopro, o clarinete e o trombone” (ASSIS, 1996, p. 21).

## A ORQUESTRA

A orquestra é o conjunto de instrumentos usados pelos brincantes da parte musical para tocar/cantar. Ela é composta de “trombone, trompete, clarinete e do terno bombo surdo, tarol, porca (cuíca) e gonguê” (REAL *apud* NASCIMENTO, 2005, p. 97).

Contudo, e ainda de acordo com Nascimento (2005), a composição da orquestra pode variar, retirando-se alguns desses instrumentos ou acrescentando outros como o ganzá e o saxofone.

## TOADAS

A música do maracatu rural é chamada de “samba de matuto”, onde os versos se assemelham ao aboio e o repente (ASSIS, 1996). A improvisação própria deste tipo de música permite que os Mestres de maracatu dêem sua opinião sobre diversos assuntos. Tive o prazer dos meus ouvidos presenciarem o Mestre Zé Joaquim entoar canções aos que estavam presentes, o mestre puxava e o contramestre Maxixe respondia suas rimas a partir de algum brincante que estivesse aniversariando na ocasião, de um caboclo mais antigo na brincadeira ou de um brincante convidado, sobre uma baiana e no demais sobre assuntos do dia a dia do Pavão Dourado, sempre com rimas de encantar a todos.

Essas opiniões “confere(m) a essas “loas” um caráter dinâmico possibilitando que o mestre imprima sua marca pessoal, conquiste o respeito dos demais e acrescente autoridade à sua figura” (NASCIMENTO, 2005, p. 97).

## SAMBADAS

As sambadas são encontros entre os mestres com o terno e os caboclos de lança. Assis (1996) e Vicente (2005) afirmam que nestes encontros as fantasias são deixadas em casa, pois estes brincantes se encontram para “afinar o improviso”.

Segundo meus interlocutores, há décadas atrás, o local dos encontros era realizado no terreiro de uma barraca no meio do canavial onde era consumida muita cachaça. Na sambada ocorrem os desafios entre mestres. A eles são dados os motes e naquele instante improvisam suas rimas. As construções poéticas variam bastante, assim como os repentes.

Conforme pude constatar em minha pesquisa com o Pavão, nos dias atuais, as sambadas são realizadas em um terreiro/espço aberto ou local próximo da sede do respectivo grupo de maracatu. Começa tarde da noite.

Na atual gestão do Prefeito Nado Coutinho, do Município de Nazaré da Mata, terra do maracatu que se localiza a sete quilômetros da cidade de Tracunhaém, foi criado o Projeto Sambada do Parque”, que vem sendo brilhantemente realizado com grande sucesso no Parque dos Lanceiros, que é um belíssimo equipamento temático em referência ao Maracatu Rural, onde trabalhadores da cana-de-açúcar protagonizam uma das principais manifestações da cultura de Nazaré da Mata.

As “Sambadas no Parque” contam com a participação de personagens do maracatu rural, os “Mestres do Maracatu”, que realizaram um embate, de louas<sup>5</sup>, rimas e versos.



**Figura 25** - Fonte: [www.prefeituranazaredamata.com.br](http://www.prefeituranazaredamata.com.br), 2015.

---

<sup>5</sup> Loas são versos que se assemelham ao aboio a ao repente. É considerada uma improvisação nas músicas que os mestres de maracatu entoam.

### **3 TRADIÇÃO E CULTURA POPULAR: MEMÓRIA, ORALIDADE E AS EXPERIÊNCIAS DE BRINCANTES NO PAVÃO DOURADO**

Neste capítulo será realizada a abordagem dos conceitos de cultura a partir de alguns autores clássicos da antropologia, procurando-se entender como a brincadeira é repassada de geração para geração.

O conceito de cultura, segundo Clifford Geertz (1926), entende que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu. Assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

De acordo com Nascimento (2015), tanto Geertz (1989) como Sahlins (1997) acreditam que a cultura é compreendida através da ação humana por meios simbólicos. Dessa forma, tal ação simbólica se manifesta nos valores e significados compartilhados entre os membros de uma sociedade e de um mesmo sistema cultural.

A presente pesquisa pretende ser uma interpretação antropológica, uma compreensão da forma de repassar a cultura existente entre os brincantes de maracatu rural. As interações sociais existentes entre os brincantes são uma demonstração de que o envolvimento social dos mais jovens com a brincadeira é um caminho para continuidade desta manifestação cultural.

As memórias dos brincantes do grupo de maracatu Pavão Dourado não se limitam apenas as memórias individuais de cada um. Existe também a memória coletiva que guarda acontecimentos que são de grande relevância para todos que estão ali no tempo da brincadeira (no momento em que a brincadeira acontece). Em um determinado lugar onde todos estão fazendo sua parte para que o evento coletivo aconteça.

Não há memória coletiva que não aconteça num contexto espacial. Nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. Diremos que realmente não há grupo nem gênero de atividade coletiva que não tenha alguma relação com o lugar (HALBWACHS, 2006, p.170).

As lembranças de uma infância com a família e com amigos, lembranças com grupos de trabalho mostram que essas recordações são essencialmente memórias de grupo e que a memória individual só existe na medida em que esse indivíduo é um produto de um grupo (HALBWACHS, 2006).

De sete brincantes que entrevistei quatro se remetem as memórias de um tempo passado, memórias que ficam guardadas e vão sendo ativadas de acordo com as necessidades do presente. À medida que as perguntas foram sendo feitas aos brincantes, essas memórias foram reacendendo.

O grupo é portador da memória e esta é consensualizada mediante as relações que se estabelecem dentro do próprio grupo. É no contexto dessas relações que construímos as nossas lembranças e elas estão impregnadas das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências (LEAL, [s. d.], p. 4).

Segundo Teixeira, “a memória tornou-se memória de algo distante, que já não fazia parte de suas vidas, porque não tinha relação com a realidade presente em que viviam” (TEIXEIRA, 2014, p. 84).

A oralidade vem para somar com detalhes o ponto de vista dos brincantes do grupo de maracatu Pavão Dourado, que por meio de suas histórias individuais conseguiram transmitir suas lembranças de um tempo passado ou presente, contribuindo para a continuidade em um tempo futuro.

A legitimidade destes relatos ganha força à medida que um grupo compartilha as histórias, pois é comum que ao compartilhar memórias de uma época, cada um conte sua versão e o que para ele próprio foi mais relevante durante o acontecimento da história. Encontra-se nesses relatos um valor sentimental e uma riqueza de detalhes, suas vivências, uma característica do valor da oralidade. Registrados na memória, os relatos são contados por antigos brincantes que, oralmente, transmitem para as novas gerações de brincantes.

Segundo Halbwachs (2006) “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Quando iniciei esta pesquisa, minha primeira intenção era chegar até brincantes que me contassem histórias extraordinárias, casos únicos e surpreendentes que me fizessem narrar algo exclusivo sobre o maracatu rural. Mas até o final da pesquisa cheguei à conclusão de que tenho sido um pouco ingênua, ou não soube chegar às histórias certas para que pudesse obter o resultando por mim antes esperado. Digo isto pelo fato de que em algumas das entrevistas que fiz, as respostas em certos pontos eram as mesmas, ou tinham o mesmo sentido. Mas mesmo assim, este contato que tive com os participantes da brincadeira foram experiências únicas para cada um deles.

Diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Segundo Menezes, “a história oral também busca fazer uma interpretação da fala do outro, reconstruindo não apenas os eventos, as experiências e os processos sociais, mas o sentido atribuído pelo seu praticante”. (MENEZES, 2005 p.23).

Embora tenha me utilizado de autores para o melhor esclarecer a presente pesquisa e entender sobre a oralidade, conversar e ouvir os brincantes foi como se estivesse frente à fonte do conhecimento. Imagino que não deixa de ser assim, pois eles melhor que ninguém podem narrar suas experiências. Com essas conversas, compreendi que como captora destes relatos escutei ligações e pontos de respostas iguais, para os entrevistados suas respostas eram únicas, já que as entrevistas foram feitas individualmente. Isto mostra que para eles o contexto sobre o qual estão inseridos tem o mesmo significado.

Ainda de acordo com Menezes, a metodologia da história oral não se resume a uma técnica de investigação, pois pretende realizar-se como uma prática reflexiva construída pela negociação de saberes, interesses, discursos e práticas entre indivíduos em posições diferenciadas.

Teixeira (2004) enfatiza em *Cultura Popular na Idade Moderna*, mesmo fazendo a diferença entre os portadores ativos e passivos das tradições populares, o papel da família na vida tradicional e chama atenção para o fato, que também se verificava na Europa, nos primeiros séculos da modernidade. “Cada artesão e cada camponês estava envolvido na transmissão da cultura popular, da mesma forma que sua mãe, mulher e filhos. Eles a transmitiam cada vez que contavam uma estória tradicional a outra pessoa” (BURKER, 1989). Faz-se acreditar na importância da transmissão da história oral, tanto para fins de registro quanto para o aprendizado da cultura.

Quantas vezes já ouvimos falar: “há muito tempo eu já ouvia minha mãe cantar esta canção”, “esta história minha mãe já nos contava desde pequenos”, “eu via meu avô tocar ou dançar e fui aprendendo só de olhar ou ouvir”. A história oral é importante pelo fato dela ser uma rica fonte de contribuição que passa conhecimentos e confiança em um misto de certezas e que são vivenciadas. Os jovens brincantes de maracatu que ouvem as histórias e que acompanham seus familiares nas brincadeiras acreditam no que lhes é passado através destas relações familiares.

Para Menezes (2005),

O trabalho da memória é de grande importância para a demarcação de identidades individual, familiar ou do grupo e este se expressa na forma como as pessoas relatam sobre suas vidas (...) a lembrança individual é acionada como resultado de uma influência da situação do presente. O “lembrar” não é viver mais uma vez no inconsciente, mas um ato de reconstrução do que foi vivido no passado utilizando elementos do hoje, tais como imagens e ideias (MENEZES, 2005, p. 29).

Halbwachs aponta que “O funcionamento da memória individual não é possível sem estes instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente” (HALBWACHS, 2006, p.72).

De acordo com Oliveira (2006), o período de observação se mostra bastante relevante, pois possibilita ao pesquisador perceber em cada sujeito estudado a diversidade de formas de agir, gesticular e se comportar.

O modo como cheguei até os entrevistados foi bem inusitado. Em uma tarde conversando com os vizinhos da casa onde fico quando vou a campo, eles me disseram que naquela mesma rua mora seu Grimário, brincante de maracatu há muitos anos, eu já sabia e já o conhecia, mas não sei explicar por qual motivo nunca tinha ido procurá-lo. Então, no outro dia fui até o seu Grimário e perguntei se ele queria me conceder uma entrevista sobre maracatu. Conteí a ele sobre o que se tratava as minhas visitas de volta à cidade e ele prontamente aceitou.

1. Seu Grimário, cinquenta e dois anos, cortador de cana. Caboclo de lança no maracatu. Ele brinca maracatu desde os treze anos de idade. Ao ser interrogado por que brinca maracatu, ele responde que os pais e os tios são da família de maracatu, fala que o pai faleceu e pediu que ele brincasse maracatu. Começou na brincadeira carregando guiada<sup>6</sup>, chapéu e até hoje ele está brincando. Falou-me que o único motivo por não ter brincado em algum ano foi por conta de doença ou de trabalho, mas que decidiu não mais deixar de brincar e que se prepara cinco meses antes, preparando a gola e o chapéu para a brincadeira. Ele afirma que mil reais é pouco para fazer a fantasia, que só a gola sairia em torno de setecentos reais se mandar outra pessoa fazer, então ele mesmo corta e enfeita a fantasia. Afirma também que não depende financeiramente do maracatu para nada, tudo é do seu bolso. Ao ser perguntado por quanto tempo ele se vê brincando maracatu, este me responde sorrindo: “não me vejo brincando

---

<sup>6</sup>Guiada: o mesmo que lança, usada pelos caboclos de maracatus.

maracatu, quem vê é o pessoal que lá estão”. Mas que vai continuar brincado por muito tempo, até quando aguentar.

O meu contato com o senhor Grimário se deu em frente a casa dele na calçada. E ele não é brincante do maracatu Pavão Dourado, faz parte de outro grupo na mesma cidade. Quando a entrevista acabou e eu desliguei o gravador, ele me falou que quase em frente a sua casa morava uma família onde dois irmãos eram brincantes de maracatu. Assim que me despedi do senhor Grimário fui até a casa que ele havia indicado, falei com um rapaz e ele concordou em ser entrevistado no dia seguinte e que iria falar com o irmão para saber se ele iria me receber também.

No dia seguinte, fui até a casa onde marquei as entrevistas com os dois irmãos, fui recebida pelo rapaz com o qual havia falado no dia anterior, entrei e ele já tinha preparado duas cadeiras para conversarmos.

2. Evonilson, quinze anos, estudante cursando o oitavo ano do Ensino Médio. Caboclo. Brincante de maracatu desde 2010. Perguntei o que os amigos não brincantes achavam sobre ele brincar. Falou que dizem: -“oxe, brincar com aquele peso nas costas, no sol quente, levar aquilo pros outros”. Evonilson relata que sua fantasia é cedida pela sede da brincadeira, mas que um dia pretende ter sua própria fantasia. Perguntei a ele se tem muitos jovens da idade dele brincando, ele diz que não, que tem muito menino de oito, nove e dez anos. Com a idade dele não são muitos, pois são poucos jovens na brincadeira. Ele disse que se vê brincando por muito tempo, até aguentar. Perguntei se ele já tinha brincado em outros maracatus, e foi só nesta hora que descobri que ele não era mais brincante do Pavão Dourado, que tinha brincado no Pavão durante três anos e agora era brincante de outro grupo. Perguntei por que ele saiu do Pavão, e ele respondeu: “é que nem time de futebol, cada um quer sua posição pra brincar, ai lá no pavão eu não ganhei vaga não, ai a Águia<sup>7</sup> (outro grupo) me chamou pra brincar de contra guia<sup>8</sup> agora, ai eu to lá, e acho muito bom porque eu vou crescendo sendo um caboclo bom, um caboclo de frente ganhando espaço porque cada caboclo tem que ter sua oportunidade”.

No mesmo dia em outro horário, voltei no mesmo local para falar com o outro rapaz. Este me recebeu no terraço onde estava confeccionando uma gola sobre uma mesa. Talvez ele

---

<sup>7</sup> Águia Formosa, grupo de maracatu da cidade de Tracunhaém.

<sup>8</sup> Segundo caboclo da fileira.

já sabendo sobre o que eu iria falar, quis já me mostrar algo ligado diretamente ao maracatu. É o que mostra a figura abaixo, o jovem Mailson, de vinte e um anos, confeccionando sua própria gola.



**Figura 26** - Brincante Mailson confeccionando uma gola. Foto da pesquisadora. 2015.

3. Mailson, vinte e um anos, Ensino Médio completo. Caboclo. Brincante desde os oito anos. Já brincou em outros maracatus e atualmente brinca no Pavão há seis anos. Diz que nos blocos de carnaval é muita confusão e que na brincadeira é tudo bom. Gasta em torno de quatrocentos reais com sua fantasia e que o maracatu ajuda com o restante da fantasia que ele ainda não tem, e que gastaria mais. Esse brincante me relata que aprendeu a fazer varias coisas no maracatu, não só a gola e também o chapéu.

4. O ex-brincante acima é Severino, tem vinte e três anos. Ele me relatou que brincou maracatu durante sete anos, quatro anos de caboclo, dois no guarda chuva e um na lanterna, “sempre no Pavão, que maracatu de brincar é o pavão”. Há quatro anos não brinca mais, no último ano que brincou as lágrimas vieram ao rosto. Perguntei se sabia confeccionar outras

coisas da brincadeira. “Só não sei costurar vestido de baiana e porque eu nunca tentei, mas o resto”.

A figura abaixo mostra um ex-brincante confeccionando uma gola para outro brincante.



**Figura - 27:** Ex brincante confeccionando uma gola. Foto da pesquisadora. 2015.

No dia em que foi tirada a foto ele estava confeccionando uma gola para outro brincante. O meu encontro com ele foi bem curioso. Foi no mesmo dia em que eu saía da entrevista com o seu Nem, ele mora no começo da rua onde se localiza a sede. Passando em frente a casa dele, olhei para o lado e o avistei. Muito curiosa, me aproximei e perguntei se ele concederia me dar uma entrevista. Nesta nossa conversa, Severino diz que embora não brinque mais maracatu, ainda é envolvido pela brincadeira. (tanto que o encontrei confeccionando uma gola para outro brincante), afirma que saiu do maracatu, mas que o maracatu não saiu dele.

### 3.1 OS JOVENS BRINCANTES E A TRANSMISSÃO DA TRADIÇÃO

Segundo Santos (2006),

Apesar de todas as variações na maneira de conceber cultura, quero ressaltar que sua discussão contém tendências fortes e importantes, qual seja, que a discussão sobre cultura tem a humanidade como referência e ao mesmo tempo procura dar conta de particularidades de cada realidade cultural (SANTOS, 2006, p. 36).

No maracatu rural percebe-se a interação entre aqueles que ensinam e os que aprendem o conhecimento, pois pela quantidade de brincantes com idade abaixo de vinte anos, pode-se afirmar que até o momento vem se mantendo a tradição cultural desta brincadeira.

Halbwachs (2006) afirma que “É impossível que duas pessoas que presenciaram um mesmo fato o reproduzam com traços idênticos quando o descrevem algum tempo depois” (HALBWACHS, 2006, p. 96).

Crescer em uma comunidade que está sempre afirmando sua tradição facilita a manutenção. Todos os jovens brincantes do maracatu Pavão Dourado com os quais conversei me falaram que estão na brincadeira porque foram observando os avôs e os pais brincantes. Deste modo, “a criança que nasce, cresce e se cria convivendo em casa com a brincadeira, aos poucos se torna, naturalmente, ela também um brincante” (TEIXEIRA *apud* BARROSO, 2004, p. 73).

Ao perguntar ao jovem Evonilson por que ele brincava maracatu, ele respondeu que: “via meu pai brincando e gostei do maracatu”. Perguntei por que no carnaval, se havia outras brincadeiras e outros atrativos diferentes do maracatu e novamente ele respondeu: “acabei gostando por conta do pai e do avô, pois é uma brincadeira boa de brincar”.

Perguntei ao brincante Mailson porque ele brinca maracatu e ele respondeu que: “isso já vem de família, meu avô, meu pai que brinco aí acabei gostando, indo atrás dele pros eventos de maracatu e até hoje gostei, tô brincando, meu pai deixou, meu avô já faleceu e até hoje tô brincado através deles”.

Quando falei que tinha feito duas entrevistas informais, foram feitas antes de formular as perguntas semiestruturadas que passei a utilizar em campo. Foram conversas casuais obtidas nas minhas primeiras idas a campo.

O primeiro informante a me receber na sede foi Bruno. Ele foi um dos interlocutores com os quais mantive contato durante toda a pesquisa, principalmente, quando surgiam dúvidas sobre o grupo Pavão Dourado. É um brincante muito atencioso e comprometido com

o grupo. Bruno tem 28 anos, casado, policial militar, brincante de maracatu rural, caboclo de lança do Pavão. Seu filho, um garoto de sete anos também é brincante: Bruno relata que: “ver meu filho brincar é uma alegria pra mim, mesmo que ele não continue, mas já realizei um sonho, fico todo orgulhoso” e que “Não me vejo não brincando maracatu, é algo que não sei explicar”.

Seu João, um senhor de 48 anos, casado, trabalhador da cana, caboclo de lança no maracatu Pavão Dourado, estava na sede em uma das minhas idas lá, ele conhecia minha família, em especial o meu avô.

Seu João me conta: “brinco maracatu há muito tempo, desde garoto, tenho um filho que também brinca, tenho o maior prazer em ajudar ele a montar a fantasia dele, mas agora ele não tá brincando aqui no Pavão, não. Ele tá em outro grupo por aí, mas um dia ele volta, andar com um grupo do jeito que Nem anda, não tem outro, não”.

Menezes (2006) apresenta a definição de cultura como um conjunto de realizações humanas, materiais ou imateriais e ajuda a caracterizá-la como um fundamento básico da História, que por sua vez pode ser definida como o estudo das realizações humanas ao longo do tempo.

Segundo Arantes (2006),

Cultura popular está longe de ser um conceito bem definido pelas ciências humanas e especialmente pela Antropologia Social, disciplina que tem dedicado particular atenção ao estudo da “cultura”. São muitos os seus significados, e bastante heterogêneos e variáveis os eventos que essa expressão recobre. (ARANTES, 2006 p. 7).

As figuras abaixo mostram jovens brincantes do maracatu Pavão Dourado participando da brincadeira desde muito pequenos. Atividades culturais que fazem parte de suas infâncias e que desde cedo, são apresentadas a esta manifestação cultural coletiva, as quais já vão aprendendo os seus caminhos desta tradição. A figura 28, portanto, representa um pai ainda jovem, brincante de maracatu rural e com ele o seu filho de dois anos de idade.



**Figura 28** - Pai e filho de dois anos brincantes do Pavão. Foto da pesquisadora. 2014.

Segundo Laraia (2008) em seu livro *Cultura: um conceito antropológico*, cita Felix Keesing (1961) que diz: “qualquer criança pode ser educada em qualquer cultura, se for colocada desde o início em situação convencional de aprendizado” (LARAIA *apud* KEESING, 2008, p. 17).

É comum na cidade de Tracunhaém ver os filhos (as) acompanharem seus parentes (ou não parentes) nas brincadeiras, envolvidos durante o ano todo com fantasias e com tudo que diga respeito a esta tradição.

Nos dias de carnaval, na cidade de Tracunhaém, vemos pelas ruas crianças brincantes de maracatu acompanhadas pelos pais não brincantes, ou os dois, pai e filhos brincantes, ou o pai brincante e o filho não brincante, ou até mesmo mais de uma criança desfilando pelas ruas sem um adulto.

É comum vermos esta cena a cima citada nas manhãs dos dias de carnaval, as crianças mesmo que não façam parte de um grupo de maracatu, desfilam pelas ruas vestidas de caboclos de lança.

É forte esta ligação entre brincantes de idades diversas, formando um vínculo entre as gerações, produzindo frutos, formando experiências vividas entre eles.



**Figura 29** - Jovens baianas se preparando para a apresentação. Foto da pesquisadora. 2015

Duas crianças brincantes, vestidas de caboclos.



**Figura 30** - Crianças fantasiadas de caboclos. Foto da pesquisadora. 2015.

Os pais na maior parte das vezes assumem todas as despesas das fantasias, suas e dos seus filhos, mas o grupo de maracatu ajuda sempre que possível. Porém, se o brincante quer ter uma fantasia de acordo com o seu gosto e que seja nova, o brincante tem que ter estas despesas. Obtive informações de que chegasse a gastar cerca de seiscentos reais para arcar com uma fantasia de uma criança. É um valor alto, mas o orgulho e o valor sentimental de ver o filho na brincadeira, parecem superar o alto valor financeiro.

Como pode ser visto na fotografia abaixo, como também em outras fotografias nessa pesquisa, as fantasias de pai e filhos seguem um certo padrão, as franjas das golas, o chapéu e as guiadas (lanças) são das mesmas cores. Talvez isso indique uma marca que mostre a ligação existente entre os brincantes.



**Figura 31** - Pai e filho, caboclos com fantasias de cores iguais. Foto da pesquisadora. 2015.

Na cidade de Nazaré da Mata, na Zona da Mata Norte, do Estado de Pernambuco existe o Maracatu Mirim - Sonho de Criança, que vem mantendo as tradições para as próximas gerações, e para a beleza da festa. Em um mundo cada vez mais globalizado, um dos desafios de uma cidade com uma história tradicional é, com certeza, conseguir manter a sua tradição cultural. E na cidade de Nazaré da Mata não é diferente. Mas na cidade dos Maracatus Rurais, popularmente conhecida como „Terra do Maracatu“, está longe de perder o brilho e encantamento dos seus caboclos de lanças. Desde o ano de 1997, o Maracatu Mirim - Sonho

de Criança, composto por mais de 70 crianças entre 10 e 14 anos, tem a missão de manter viva a herança centenária do Maracatu de Baque Solto, ou Maracatu Rural. [www.prefeituramazaredamata.com.br/](http://www.prefeituramazaredamata.com.br/)

O estudioso brasileiro Alfredo Bosi (1996) em *Dialética da colonização* define cultura a partir da linguística e da etimologia da palavra cultura. Afirma que cultura é o conjunto de práticas, de técnicas, de símbolos e de valores que devem ser transmitidos às novas gerações para garantir a convivência social.

### 3.2 A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA TRANSMISSÃO DA TRADIÇÃO

Um dos pontos desta pesquisa é mostrar que uma das maneiras para se dar continuidade à tradição do maracatu rural é a família, mostrando a importância desta através de suas memórias e ensinamentos. Histórias contadas por parentes brincantes, participantes do maracatu Pavão Dourado vão mostrando que os brincantes seguem uma tradição familiar. Sendo assim, a criança aprende com a coletividade, entre aqueles que detêm o saber da cultura, no convívio da família, entre seu grupo cultural.

Durante as entrevistas com os brincantes, percebi que não se tratava apenas de ouvir ou de ter um parente participando da brincadeira, também era uma questão de gostar e de se identificar com a cultura que envolve o meio no qual estes brincantes estão inseridos e cresceram.

Mesmo aqueles que não têm familiares participantes da brincadeira aprendem de fora, observando o comportamento dos brincantes, escutando suas histórias, reconhecendo o papel do brincante adulto na vida do jovem que ali está. É uma tarefa que requer um cuidado todo especial, a observação bem como o interesse destes adultos em passar e dos mais jovens em receber tal aprendizado.

Envolvido na brincadeira com seus parentes, o jovem brincante se sente importante, e sua entrega é total no momento da brincadeira, simplesmente por fazer parte do ritual de brincar. Nesse sentido, a relação do jovem brincante com seus parentes se torna tão relevante quanto qualquer outra atividade que façam juntos.

Para estes jovens, o ato de participar e interagir com sua cultura, oferece a oportunidade de fazer parte da história de sua família de brincantes, do seu grupo tradicional e de sua comunidade.

Tylor (1871) citado por Laraia (2008) define a cultura como sendo todo o comportamento aprendido, e é tudo aquilo que independe de uma transmissão genética.

A figura abaixo mostra um pai que não é brincante ajeitando a fantasia de um filho brincante, incentivando-o na brincadeira do maracatu rural.



**Figura 32.** Pai ajudando o filho em dia de brincadeira. Foto da pesquisadora. 2015.

Segundo Menezes (2005),

O trabalho da memória é de grande importância para a demarcação de identidades individual, familiar ou do grupo e este se expressa na forma como as pessoas relatam sobre suas vidas. A lembrança individual é acionada como resultado de uma influência da situação do presente. O “lembrar” não é viver mais uma vez no inconsciente, mas um ato de reconstrução do que foi vivido no passado utilizando elementos do hoje, tais como imagens e ideias (MENEZES, 2005, p. 29).

Quando perguntei ao seu Nem sobre a importância da participação dos jovens na brincadeira, ele respondeu: os mais velhos estão parando, se não botar os mais novos pra brincar, como vai ficar? Ai não vai ter graça. Ele prossegue dizendo: “Olhe, eu tenho um neto que tá com três anos e que brinca desde dois anos, se ele não gostasse de brincar, com o tempo o pai dele vai parando ai ele vai ficando no lugar do pai dele”.

Seguindo a linha de raciocínio de seu Nem, podemos ver que segundo Barroso (2006) afirma que “deste modo, a criança que nasce, cresce e se cria convivendo em casa com a

brincadeira, aos poucos se torna, naturalmente, ela também um brincante” (BARROSO, 2006, pg. 73).

Na figura abaixo, o Neto de seu Nem de dois anos e está vestido de caboclo de lança durante a brincadeira, é uma atração a parte no grupo de maracatu Pavão Dourado por ser o brincante mais novo do brinquedo.



**Figura 33** - Caboclo criança, Neto de Nem de dois ano. Foto da pesquisadora. 2014.

Segundo seu Nem:

Quando as crianças começam a brincar mais novo ele vai pegando gosto da partida. Aí chama um meninote já grande pra brincar ele diz que não vai. Do mesmo jeito é uma baiana agente chama pra brincar ela diz vou, não, porque eles não começaram logo de pequenos, não gostou logo de brincar o maracatu de pequenos. Então os meninos que tão brincando agora podem ate deixar um dia, mas ele tá sabendo o gosto do maracatu qual é. Aí, é bom as crianças sempre dentro do maracatu.

Compartilhando responsabilidades em todos os processos da brincadeira, não só no momento em que a brincadeira acontece ampliado assim o conhecimento das crianças e jovens sobre o sistema social e cultural que os envolvem.

Segundo Bourdieu (1983), “a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos. As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas” (BOURDIEU, 1983, p. 113).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa procurou demonstrar que em uma cultura tradicional como o maracatu rural há uma efetiva interação entre a família e a tradição, uma socialização crescente da interação dos jovens na brincadeira do maracatu rural na cidade de Tracunhaém, Pernambuco. Crescente pelo fato de que nestes três anos da pesquisa em campo, durante os dias de apresentações do maracatu Pavão Dourado, foi possível constatar a presença marcante dos jovens e crianças na brincadeira. As fotografias e entrevistas apresentadas nessa pesquisa são uma prova desta constatação.

A pesquisa não pretendeu idealizar uma ideia de que entre os pais e filhos que fazem parte desta manifestação cultural seja tudo bem encaixado ou que há uma interação perfeita. Mas durante o carnaval, nos dias de apresentações tudo sai de um jeito que parece dar certo, a brincadeira acontece. Entende-se, portanto, que a presença de jovens no maracatu rural pernambucano em uma sociedade cada vez mais assediada pelos meios de comunicação de massa, significa que é possível ainda cultivar tradições culturais, a partir da realização de ritos (as brincadeiras) que são caracterizados pela oralidade e pela atualização de uma memória coletiva, duas principais características das culturas populares.

Finalizo este trabalho com as palavras de Geertz (2005) em seu livro *Obras e vidas: o antropólogo como autor*, que diz que os bons textos antropológicos devem ser simples e despretensiosos. Neste sentido, tenho plena convicção que esta pesquisa foi elaborada de forma simples com a intenção de convidar o leitor a uma viagem de conhecimentos no mundo do maracatu rural pernambucano.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. de. **Danças dramáticas do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia/INL/Pró-memória, 1982.
- ARANTES, A. A. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- ASSIS, M. E. A. **Cruzeiro do Forte: a brincadeira e o jogo de identidade em um maracatu rural**. Recife, 2016. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 1996.
- BENJAMIN, R. **Maracatus Rurais**. Recife: Centro de Estudos folclóricos, 1977.
- BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRANDÃO, T. **Maracatu** (Coleção festas brasileiras). São Paulo: Studio Nobel, 2006.
- BURKER, P. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: companhia das Letras, 1989.
- CARVALHO, J. J. **O lugar da Cultura Tradicional na Sociedade Moderna**. In Seminário Folclore e Cultura Popular. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/FUNARTE, 2000.
- DIAS, R. **Planejamento do turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2003.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GUERRA-PEIXE, C. **Maracatus do Recife**. São Paulo: Irmãos Vitale; Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1980.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- MACCORD, M. **O Rosário dos Homens Pretos de Santo Antônio: alianças e conflitos na história social do Recife**. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP. Campinas, 2001.
- MEDEIROS, R. B. **Maracatu Rural: Luta de classes ou espetáculo?** Fundação de Cultura Cidade do Recife. (Coleção Capibaribe 2). Recife, 2005.
- MENEZES, M. A. **História oral: uma metodologia para o estudo da memória**. 2005.
- \_\_\_\_\_, M. A. **História oral: uma metodologia para o estudo da memória**. In: Dicionário de Conceitos Históricos. SILVA, K. V.; SILVA, M. H. São Paulo: Contexto, 2006.

NASCIMENTO, M. C. M. J. **Manoel e Maciel Salustiano**: três gerações de artistas populares recriando os folguedos de Pernambuco. Recife: Associação Reviva, 2005.

OLIVEIRA, R. C. de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Unesp, 2006.

PEREIRA, F. M. G. Juventude e corpo: novas estéticas alternativas. In: **Jovens & juventude** ALVIM, R.; QUEIROZ, T.; JUNIOR, E. F. (orgs.). João Pessoa: Editora Universitária – PPGS/ UFPB, 2005.

REAL, K. **O folclore no Carnaval do Recife**. Recife: Massangana, 1967.

\_\_\_\_\_. **O folclore no carnaval do Recife**. Recife: Massangana, 1990.

\_\_\_\_\_. **Eudes o Rei do Maracatu**. Fundação Joaquim Nabuco. Recife: Massangana, 2001.

SAHLINS, M. **O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica**: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (Parte I). MANA. Rio de Janeiro, 1997.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANTOS, M. O retorno do Território. In: Território: globalização e Fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1998.

SENA, J. R. F. de.; FERNANDES, A. S.; STONI, M. O. T. **Festa e transcendência**: olhar etnográfico e um breve passeio de mirceaeliade pelo maracatu rural do Recife: Religare, 2012.

SILVA, R. A. da. Entre Artes e Ciências: a Noção de performance e Drama no campo das Ciências Sociais. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 2005.

SILVA, A. C. R. da. **Vamos Maracatucá**: um estudo sobre os maracatus cearenses. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, 2004.

TEIXEIRA, J. G. L. C.; VIANNA, L. C. R. **As Artes Populares no Planalto Central**: performance e identidade. João Gabriel L. C. Teixeira (org.). Brasília: Verbis Editora, 2010.

\_\_\_\_\_, J. G. L. C. **Patrimônio imaterial, performance cultural e (re) tradicionalização**. Brasília: ICS-UnB, 2004.

TYLOR, E. **Primitive Culture**. Nova York: Harper Torchbooks. 1871.

VICENTE, A. V. **Maracatu Rural**: o espetáculo como espaço social. Recife: Associação Reviva, 2005.

**Sites:**

[www.prefeituramazaredamata.com.br/](http://www.prefeituramazaredamata.com.br/). Acesso em 10 de setembro de 2015.

<http://www.clickpb.com.br/cotidiano/maracatu-baque-solto-e-baque-virado117574.html>.

Acesso em 10 de julho de 2015.

<http://www.souagro.com.br>

Acesso em 20 de outubro de 2015.

[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=774&Itemid=1](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=774&Itemid=1). Acesso em 15 de novembro de 2015.

# APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CAMPUS IV  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Questões semiestruturadas aplicadas aos brincantes de maracatu do Município de Tracunhaém/PE

1. Perfil sócio econômico?  
Nome, Idade, Escolaridade, Profissão, Salário.
2. Desde quando brinca maracatu?
3. Qual a motivação de brincar maracatu?
4. Porque no carnaval você passa os dias brincando maracatu?
5. O que seus amigos não brincantes acham de você brincar maracatu?
6. Como você se prepara para o carnaval?
7. Qual o seu gasto financeiro com a brincadeira?
8. Desde que você começou a brincar ate hoje, você tem notado algumas diferenças entre a brincadeira antes e hoje?
9. Você se vê brincando por mais quanto tempo?
10. Acha importante a participação de jovens no maracatu? Por quê?
11. O que você mudaria na brincadeira?
12. Qual a sua opinião sobre a organização do grupo em que você brinca?
13. Qual sua função no maracatu? Brinca de que?

## ANEXO

Maquinada, surrão e chocalhos.



Lanças ou Guiadas.



Mãe acompanha seu filho caboclo de dois anos.



Crianças em uma casa com varias fantasias ao sol.



O transporte utilizado pelos brincantes para o deslocamento em apresentações em outras cidades.



Rei e Rainha em 2015.



Os chapéus que enfeitam as cabeças dos caboclos, expostos no teto da sede.



A rua fica cheia de expectadores ao sol para ver o Pavão.

